

Esposa e mãe, ela enfrentou
a morte... e deixou-nos uma herança
de coragem e dignidade

A herança de Helga

PAUL M. THOMSEN E JOSEPH P. BLANK

HELGA me dá a terrível notícia pelo telefone. Está no hospital há duas semanas. A tosse persistente e a febre, diagnosticadas como pneumonia, não cederam ao tratamento; por isso, os médicos pediram uma biopsia do gânglio linfático.

«Eles acabaram de sair», conta-me ela e silencia por um momento. «Estou mesmo com câncer.» Nem as palavras nem seu tom demonstram choque ou medo.

As palavras me deixam atordoado e caio numa cadeira, mas tento acompanhar sua voz. «Bem, vamos acabar com ele. Tenho boas notícias para você», continuo, mudando de assunto. «Estamos com oito gansos e cinco patos bravos, todos novos. E a Duquesa deu cria.»

Ela solta uma pequena exclamação de alegria que me faz sentir um pouco melhor. «Amor, hoje de tarde vou até aí ver você», digo-lhe.

Telefona para o cirurgião de tórax que trata de Helga e marco uma consulta. A trêmenda seriedade do que minha mulher me dissera me deixa desnorteado. Durante os 85km do trajeto até Neenah, minha cabeça corre sem rumo de um pensamento para outro: Helga... um câncer. Em 1963, seu primeiro marido e o filho mais velho, um garoto de cinco anos, morreram com poucas semanas de intervalo... de câncer. Helga ficou sozinha com duas filhas pequenas, Kirsten e Heidi.

Ela e eu nos conhecemos sete meses depois. O amor foi repentino, pois ambos necessitávamos amar e sermos amados. Em menos de três meses, casamo-nos. Nos cinco anos seguintes, Helga teve dois garotos, Thor e Björn. Em 1972, mudamos dos subúrbios de Neenah para uma velha fazenda de 40 hectares. Vendemos o aparelho de televisão e passamos a produzir nossos próprios

gêneros alimentícios, e a obter nosso combustível cortando lenha. A família ficou muito unida. Às vezes, eu acordava às duas da manhã e via que Helga e as meninas ainda estavam conversando. Com frequência, ela preparava um piquenique e levava Thor e Björn para passarem o dia passeando pelas matas. Tudo que Helga precisava ou queria era a sua família. E agora, isso!

O CIRURGIÃO vai direto ao assunto. «Sua mulher tem um câncer galopante», diz ele sem emoção. «Está no pulmão direito e atingiu os gânglios linfáticos, o que significa que não é possível operar. Ela tem uns três meses de vida, Paul. No máximo.» E pôs a mão no meu ombro.

Agradeço-lhe muito a franqueza. Odeio-o. Saio aturdido do consultório. Vou para o carro, encosto-me nele e vomito.

Caminhando para o quarto de Helga, digo a mim mesmo: Agüente firme! Nada de fraqueza. Coragem! Ela é quem precisa de apoio, e não você.» Helga está animada e eu me reanimo também. Aparentemente, os médicos não tiveram coragem de lhe dizer que o câncer é fatal. Conversamos sobre as crianças e a fazenda. Decidi não me demorar muito na minha visita. Tenho agora de pensar no que vou fazer.

Desde que Helga foi hospitalizada, nossa filha mais velha, Kirsten, de 16 anos (nós a chamamos Kiki), tomou conta da casa. Depois do jan-

tar, nessa noite, telefonamos para Helga. Kiki é a primeira a falar, depois Heidi, de 14 anos, e Thor, de 9. Nosso caçula Björn, de 7 anos, quando lhe passamos o fone, diz: «Eu não quero, não. Vou jogar bola.» Sinto-me magoado, mas compreendo que ele não tem consciência do que está acontecendo.

Na manhã seguinte, vou dar comida ao gado e faço o trabalho de costume. A primavera está dando vida a tudo: novas folhas, novas flores silvestres, uma nova ninhada de cachorrinhos. Um potro está para nascer. Os gansos estão chocando. Enquanto a vida aqui viceja, a de Helga vai-se apagando.

Vou de carro para o escritório e dou alguns telefonemas. Depois, corro cinco quilômetros e meio em volta do parque perto do hospital. Ao meio-dia, meu trajeto me leva sempre à ponte que passa por baixo da janela do quarto de Helga, no quinto andar. Ela sempre está lá. Aceno-lhe, e me responde levantando o polegar. O ritual é muito importante para nós.

Depois, vou tomar uma ducha na Associação Cristã de Moços e converso com Elden, ministro protestante muito jovem que muitas vezes é companheiro meu de corrida. Falo-lhe sobre Helga e pergunto: «Você podia fazernos um favor e ajudar-nos a enfrentar este transe?» De imediato ele entende tudo; vai visitá-la todos os dias.

NO QUARTO dia depois do diagnóstico, outras radiografias revelam o

rápido desenvolvimento do câncer em ambos os pulmões. O único recurso é a quimioterapia, que pode provocar graves efeitos secundários, mas nada mais nos resta.

Enquanto me dirijo para o quarto de Helga, dou-me conta de que agora temos de enfrentar abertamente a verdade. Faço o balanço de nossas vantagens: temo-nos um ao outro, temos nossa religião e ainda dispomos de três meses (talvez três) para ajudar Helga a deixar este mundo para a eternidade, com calma e segurança.

Quando entro no quarto, Helga está meio adormecida. Noto que o ritmo de sua respiração é mais rápido do que o normal. Abre os olhos e fixa-me em expectativa.

Digo: «A radiografia mostra que os pulmões foram tomados, amor.»

Ela acena lentamente com a cabeça concordando.

«Todos nós vamos mesmo morrer de um jeito ou de outro», comento. «Uma das certezas da vida é a morte.»

«Eu sei», diz ela. «Esta coisa vai me levar embora, mas não tenho medo. Nossa fé em Deus há de ajudar-nos.» Seus olhos enchem-se de lágrimas.

«Então eu também não vou ter medo», comento.

«É o que eu quero», diz ela. «Elden e eu temos conversado e sinto-me plenamente segura da sorte que me espera. Ele é tão bom para mim!» Obviamente ela ganhou grande confiança em Elden. É ele, de fato, quem tem sustentado sua fé.

Todos os dias lhe levo flores silvestres da fazenda ou algo que lhe mandam as crianças como, por exemplo, ovos pintados por Björn, desenhos de Heidi, os exercícios de matemática de Thor, que tiveram ótima nota, biscoitos feitos por Kiki. Esses presentes são preciosos para ela; espera-os com ansiedade.

NÃO me sai da cabeça a questão do que dizer às crianças, e quando. Um dia, porém, Kiki pergunta de chofre: «Papai, mamãe vai morrer?»

Por um momento, gaguejo palavras evasivas. Depois, reunindo toda a serenidade que me restava, digo: «Sim, ela está com câncer da pior espécie. Pode durar três meses ou só uma semana. Parece que não há nada a fazer.» Dou-lhe detalhes sobre a nossa situação financeira, fazendo-lhe ver que terá de tomar conta da casa. Ela não derrama lágrimas nem dá nenhum sinal de tristeza. (Só mais tarde me confessou que quisera realmente chorar e arrancar os cabelos; não o fez porque seu dever era ajudar a manter a calma em casa.)

Na noite seguinte, conto tudo a Heidi. Ela recebe a notícia passivamente. Penso que está chocada demais para reagir com espontaneidade. No outro dia, de manhã, saio do chuveiro e começo a enxugar-me. Os dois garotos estão no banheiro — Björn vestindo a roupa, Thor penteando o cabelo. Digo: «Vocês sabem que mamãe está no hospital, muito doente.» Observo Thor, o mais velho, esperando sua reação.

Björn é o primeiro a fazer a pergunta: «Que é que ela tem?»

«Câncer.»

Thor continua a pentear-se.

«É bem possível que ela vá para o céu», prossigo.

Thor tem no rosto um ar petrificado quando nossos olhares se encontram no espelho. Não diz nada e continua a pentear o cabelo.

HELGA está sendo submetida a quimioterapia. Mostra-se abatida e introspectiva quando conversamos. Estamos convencidos de que agimos com justeza, enfrentando as circunstâncias juntos e abertamente; o fato é que o conseguimos. Não queremos separar-nos, embora seja grande a esperança de nos reencontrarmos no paraíso. Ela considera, e eu partilho de sua opinião, que a vida na terra é apenas uma quimera. Deus e a eternidade é que contam. Sem essa convicção, a tortura de viver e a perspectiva da morte seriam insuportáveis.

Em poucos dias, sua tosse aumenta, a respiração torna-se cada vez mais ofegante. Queixa-se de dores atrozes nas costas e de enorme fadiga. Seguro-lhe a mão e sinto-a fria. Quando me despeço, beijo-a e seus lábios também estão frios.

Num sábado chuvoso, 11 dias depois de começado o tratamento quimioterápico, levo os garotos ao clube, em Neenah, para nadarem um pouco; antes, porém, paramos diante do hospital e estaciono o carro de modo que Helga possa vê-lo da janela. Então, digo aos garotos

que fiquem esperando, e subo até o quarto de Helga para ajudá-la a ir à janela. Thor e Björn estão parados sob a chuva. Helga acena e atira um beijo. Os dois fazem gestos frenéticos atirando beijos. Tenho de segurar Helga para que não caia. Lágrimas descem-lhe pelo rosto; ela sabe que aquela poderá ser a última vez que vê os filhos. Seu corpo fraqueja e eu a levo de volta para a cama.

Manobrando para sair do parque de estacionamento, olho pelo retrovisor e vejo os garotos ajoelhados no banco de trás, acenando para fora. «Que é isso?» pergunto.

«Beijos para mamãe.»

Paro o carro e desço. Helga está debruçada na janela, acenando. Aqueles cinco passos até a janela devem ter-lhe custado um terrível esforço; mas logo compreendo que essa dor é um preço insignificante que paga pela possibilidade de ver outra vez os filhos.

DIA 13 de maio, aniversário de Helga. Os amigos acorrem para desejar-lhe melhoras. O quarto está cheio de flores. Corta-se o bolo. Os sons são agradáveis – conversa despreocupada, risos. Mesmo inalando oxigênio através de uma máscara, os olhos de Helga mostram que está sentindo prazer. Ela adora aquela cena e, por um momento, sente-se radiante.

Depois, o último visitante vai-se embora. Helga é obrigada a sentar-se em ângulo de 45 graus e já não pode dispensar a máscara de oxigê-

nio. Pouco temos a dizer um ao outro. Sua dor é forte demais e nem sequer posso segurar-lhe a mão; só pelo olhar estamos juntos. Já preparados para o que teria de acontecer, limitamo-nos a esperar. Pouco depois da meia-noite, ela cai num sono agitado e eu estendo-me num divã, no corredor.

De madrugada, volto ao quarto. O domínio da dor agora é absoluto; seu corpo está sendo destruído. Arrasada pela náusea, vê-se quase asfixiada pela secreção que se acumula nos pulmões. Peço a Deus que não prolongue demais aquele sofrimento inútil. O cirurgião chega, examina-a e declara que seu fim não tardará muito.

Meus pensamentos atropelam-se desatinadamente. Primeiro, revolta-me a idéia de que um ser humano seja submetido a tal tormento. Em seguida, penso: «Talvez ela vença. Talvez seja por isso que ainda vive.» Um instante depois: «Dou-lhe um vidro de comprimidos para dormir e digo-lhe 'Olha, amor, toma uma porção deles e dorme.'» Então, desvairadamente, a esperança reaparece. Estou certo de que Helga vencerá e que a levaremos de volta para casa; por isso — e porque ela se acalma um pouco, graças ao efeito de um antiespasmódico — digo-lhe que irei ver como andam as crianças.

O telefone está tocando quando entro em casa. O médico diz que Helga chegou aos últimos momentos, e pergunta se desejo que lhe sejam aplicados recursos de vida ar-

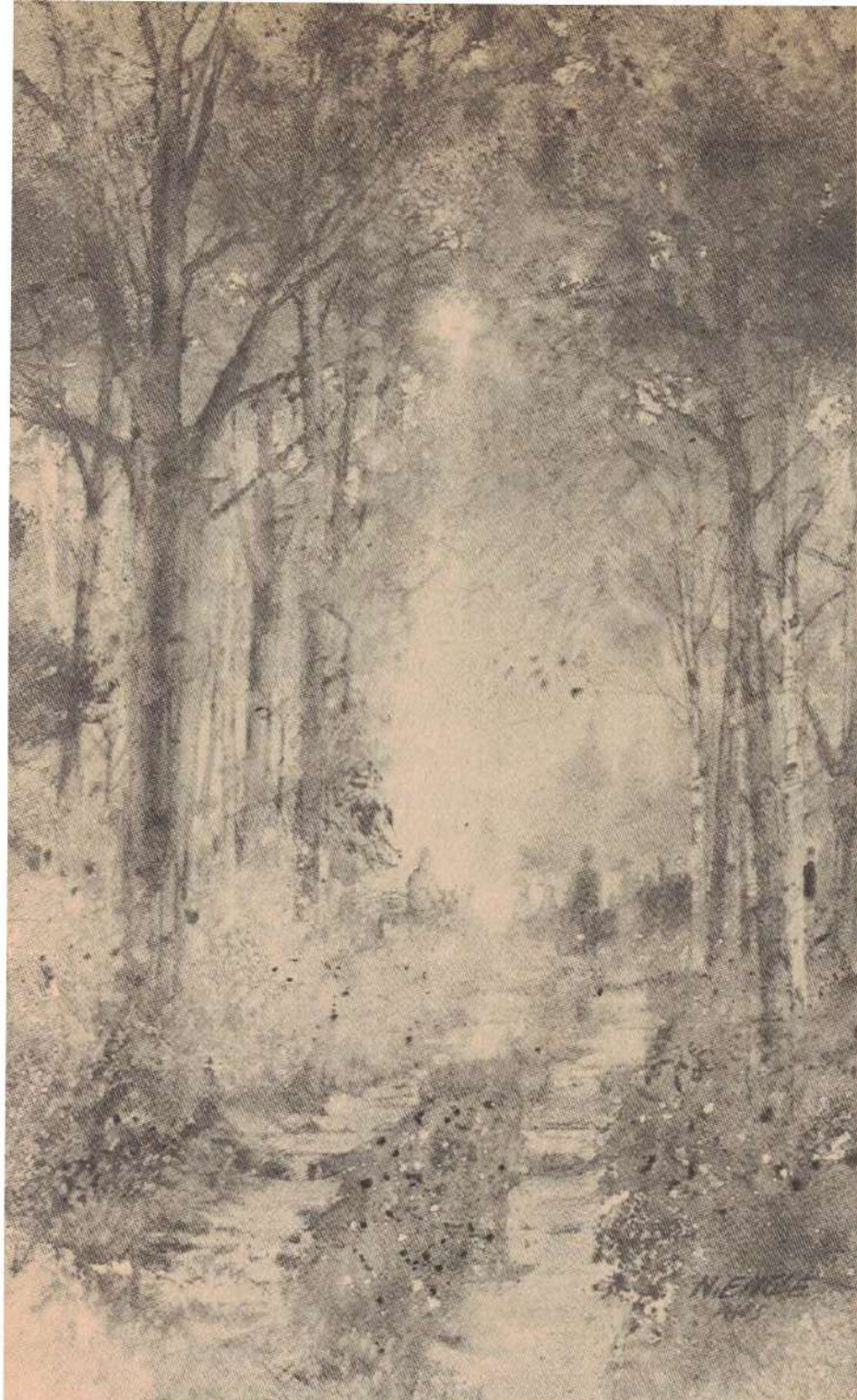
tificial. Respondo: «Não, quero que ela morra com dignidade.»

Precipito-me outra vez para o carro e disparo para Neenah. Quando chego, Elden está no quarto, mas sai logo a seguir. Helga e eu ficamos sós — e estou chorando. Tomo-lhe uma das mãos entre as minhas. Devagarinho, ela levanta a outra e acaricia meu pescoço, dizendo: «Quero ver Jesus agora e desejo que você seja feliz. Seja feliz, meu bem, por favor, seja feliz.»

Faz-se silêncio. Sentindo que suas mãos esfriam e seus lábios se tornam arroxeados, começo a contar sua respiração. Chega a 24; seu coração pára e ela deixa a vida em paz. Penso: «Feliz aniversário, querida. Quarenta e dois anos e um dia. Como presente, você ganhou o céu. Penso que nada lhe agradaria mais que isso.» Passo a mão em seus cabelos castanhos e curtos. Por um momento, fico parado diante da janela. A chuva bate nos vidros e as lágrimas umedecem meu rosto.

É longo o trajeto de volta para casa e há uma longa caminhada até se entrar. Os meninos me fitam com um olhar interrogativo. As meninas têm os olhos baixos. «Mãe já não está sofrendo», digo-lhes. «Foi para o céu.»

Os ombros de Thor começam a sacudir sem controle, e ele se atira em meus braços. Carrego-o para fora e nos encaminhamos para nossa pequena colina. Lá de cima, ficamos olhando o céu lindo, cravejado de estrelas. Digo-lhe: «Thor, quando eu era garoto, vovô Thom-



é exatamente o que me agrada. Eu mesmo vim de calças-esporte e de suéter.

Caminhamos por uma trilha natural que conduz ao rio na nossa fazenda, passando por imensos carvalhos e freixos, todos começando a cobrir-se de folhas. É o perfeito caminho criado por Deus. Elden e eu nos sentamos numa rocha, diante dos amigos que estavam ali. Detrás de nós, ouve-se o barulho da água do rio gorgolejando nas pedras. O grupo espera em silêncio. Ele tinha seriamente decidido que o propósito daquela reunião iria ser o de homenagear Helga, dando às crianças a mensagem de sua vida.

«Sua mãe e eu muitas vezes nos sentamos nesta pedra», começo. «Era o nosso lugar preferido. É um bom lugar para falar a vocês, Kirsten, Heidi, Thor e Björn, sobre o *Sisu*.

(*Sisu* é uma palavra finlandesa que significa muitas coisas:

força, determinação, coragem para lidar com o desconhecido.)

«Há 12 anos, a mãe de vocês perdeu um filho e um marido, ambos em poucas semanas, mas ela tinha *Sisu*. Não se deixando vencer pelo desespero, procurou valer-se do que lhe restava, com o desejo e a convicção de poder esperar da vida o que lhe oferecesse de bom.

sen costumava dizer-me que sempre que morre alguém surge uma nova estrela.» Examinamos bem o céu e escolhemos uma estrela que acreditamos ser Helga.

FALARA a pouca gente sobre a cerimônia que se realizaria em memória de Helga, e fico surpreendido ao ver quase 100 pessoas ali reunidas. Muitas estão vestidas informalmente, e

«Pouco tempo depois, nós nos conhecemos e tivemos *Sisu* para construir uma nova vida. Decidimos mudar-nos da cidade para a fazenda. Quisemos produzir a nossa própria comida e sermos o mais auto-suficientes possível. Foi o *Sisu* que nos permitiu isso. Nesse primeiro inverno, submeti-me a uma intervenção no joelho e não podia andar. Ela enfrentou a situação; cozinhou os melhores pratos, tomava conta de vocês e cuidava dos cavalos, das galinhas e dos cães. Deu conta do recado.

«Quando chegou sua hora de morrer, demonstrou outro aspecto do *Sisu*. Encarou e aceitou a morte com dignidade e elegância, pedindo apenas que fôssemos felizes. Agora, meus filhos Kirsten, Heidi, Thor e Björn, temos de reunir tudo que nos resta e mostrar o nosso próprio *Sisu*. Façamos a vontade dela. Sejamos felizes.»

Elden, então, dirigiu-nos umas breves palavras e recitamos o Pai Nosso. Um amigo canta. Estamos todos prontos para enfrentar corajosamente o dia de amanhã.



Os ROUBOS em quartos de hotéis na França estão se tornando cada vez mais freqüentes, apesar de haver aumentado a vigilância. Em muitos casos, o ladrão, para conseguir seus intentos, só precisa de uma chave-mestra e de conhecer os horários do pessoal e dos clientes de um hotel.

Até há pouco tempo, não existia nenhum meio realmente eficaz de proteger os hóspedes e seus valores, mas agora a gerência do Hilton International, que estuda o assunto há quase uma década, acha que descobriu a arma ideal para combater os furtos *sem usar chaves*. Em vez de chave, os hóspedes recebem cartões de plástico com um código especial, por meio dos quais podem fazer funcionar as fechaduras das portas dos quartos.

O aparelho é complicado, mas seu sistema de funcionamento é simples. Quando o hóspede chega ao hotel, é designado para um quarto e recebe um número especial. O recepcionista imprime esse número num cartão, ao qual atribui um código, e em seguida entrega-o ao novo hóspede. O cartão parece não ter nada escrito, mas, para o hóspede abrir a fechadura com ele, basta introduzi-lo numa ranhura existente na porta. O cartão é inutilizado logo que o hóspede deixa o hotel, atribuindo-se novo código para o hóspede seguinte.

Este sistema foi instalado pela primeira vez no mundo em 42 quartos do Paris Hilton, em abril de 1977. Como a fechadura trabalha é segredo. Só se sabe que o sistema é alimentado por uma bateria de mercúrio que dura 30 meses e é simples de instalar.

— Le Monde, Paris